

● **Eurico Serra publicou** «Desportos, Educação Física e Estado», em que analisa, dentro dos princípios do corporativismo, o problema da acção do Estado no campo dos desportos e da educação física.

● **O Prof. Hernâni Cidade acaba de publicar a segunda edição da sua conferência** «Tendências do Lirismo Contemporâneo» — (De «Oaristos» às «Encruzilhadas de Deus»), acompanhada de uma antologia de poesia moderna. Trata-se de um livro de critério crítico muito amplo, de modo a abranger os mais variados poetas líricos contemporâneos. O Prof. Hernâni Cidade falou de alguns poetas; não fez o itinerário da poesia moderna.

● **Apareceu nos «Cadernos da Seára Nova»** A vida de Zola, por Agostinho da Silva.

É um pequeno volume de cerca de 130 páginas que, além de bem escrito, tem o grande mérito de corresponder às necessidades culturais da juventude.

Creemos que as obras deste género oferecem aos jovens um estímulo admirável, incitando-o ao exercício das suas qualidades, fornecendo-lhe elementos para a formação de um ideal superior de vida.

As biografias de Agostinho da Silva — Pestalozzi, Pasteur, Zola, etc. vêm precisamente ao encontro dessa necessidade de educar a juventude de uma maneira verdadeiramente humana. É esse, cremos, o melhor elogio que lhes podemos fazer.

● **Começaram a publicar-se em Fevereiro último, em Coimbra, duas revistas:** Alitude e Síntese. A primeira, que entre outras, insere colaboração dos nossos presados camaradas de redacção António Ramos de Almeida, Afonso Ribeiro, Joaquim Namorado e Manuel de Azevedo pretende ser, no campo exclusivamente literário, uma afirmativa da vitalidade da novíssima geração. A segunda, revista mensal de cultura, publica uma página de antologia de Fernando Pessoa e colaboração de Abel Salazar, António Sérgio, Afonso Duarte, João Ramiro, Dionísio de Sá, etc.

A Alitude — direcção de Coriolano Ferreira, Fernando Namora, João José Cochofel e Joaquim Namorado — e a Síntese — direcção de João Ramiro — envia «Sol Nascente» as suas cordeais saudações.

c o i s a s í t i c a

PEQUENO DADO BIOGRÁFICO
Nasce numa cidade provinciana e triste
A uma hora fria de madrugada hiberna
Numa rua tranqüilla, sem comércio nem gritos...

Mais do que um pequeno dado biográfico, temos na nossa frente, antes, a auto-biografia do poeta Alberto Serpa.

Para o poeta o que acabou de dizer não é uma descoberta arguta de crítico, mas antes o apanhá-lo em flagrante na sua confissão espontânea acerca da génese da sua poesia, o ouvir simpaticamente o segredo mais íntimo da sua personalidade de artista.

Alberto Serpa ao escrever, certa noite ou certo dia, o seu «Pequeno dado biográfico», fê-lo com aquela espontaneidade de verdadeiro poeta, mas ao colocá-lo como abertura do seu livro teve a consciência de que era aquela a sua confissão base, o elo primeiro da cadeia dos seus poemas, mais ainda, que era a mais preciosa ajuda para quem quisesse compreender a sua poesia e a sua personalidade. Quere dizer, quando escreveu o poema, Alberto Serpa foi simplesmente poeta, quando resolveu colocá-lo no limiar do seu livro foi literato consciente que quere organizar uma obra com cabeça, tronco e membros.

Para uma pessoa qualquer não tem importância, talvez, «o nascer numa cidade provinciana e triste, a uma hora fria de madrugada hiberna, numa rua tranqüilla sem comércio nem gritos», para Alberto Serpa teve grande importância, pelo menos é isso que diz toda a sua poesia. Alberto Serpa compreende, sente e vive as cidades provincianas e tristes, basta ler o seu poema «Provincia», a pag. 16 de «A vida é o dia de hoje». A pátria de Alberto Serpa é a provincia, com a sua quietude,

E' facto mais que comprovado existir nos nossos dias uma acentuada tendência para a biografia. Biografias de romancistas e pintores, de músicos e militares, de poetas e políticos... E' Romain Rolland que nos dá Beethoven, Zweig atirando-nos às braçadas ora Balzac, ora Dickens, ora Dostolewsky..., Ludwig ocupando-se de Napoleão, Lincoln, Guilherme II, Roosevelt... Porquê este interesse profundo, iamos a dizer paixão, pela biografia? Viana Moog tenta explicar-nos o fenómeno no prefácio do seu li-

a vida é o dia de hoje

— Poemas de Alberto Serpa
— Desenhos de Júlio —
Edições «Presença»

a sua tristeza, a sua inutilidade. Palram nos seus poemas o entardecer e o amanhecer, que são os momentos que na provincia convidam à contemplação, sobretudo os crepúsculos. A provincia estende-se sobre toda a poesia de Serpa. E' aquele desejo de ignorância, aquela ciência anti-científica que lhe contenta toda a sua sabedoria: «Não me venham dizer que as estrelas são mundos». E' aquele desejo de vagabundear com o violino velho, desafinado e esquecido, que é cantado superiormente no seu belo poema «Viagem Sentimental»; é ainda o seu «Desencontro»; são os seus poemas do «Crepúsculo».

Nascer numa hora fria de madrugada hiberna teve, também, a sua importância. E' a importância da noite, do frio e da chuva na poesia de Alberto Serpa: «A noite caiu sobre o cais, sobre mar, sobre mim»; «Para a calma da noite que dorme sobre a cidade vem uma voz que vem do escuro de uma viela»; «Esta noite tem a paz e o sossego da morte»; e finalmente esta confissão flagrante do seu «Noturno»: «Há sempre mais um poema triste para sair da noite». Provincia, Noite e Inverno, inverno brando—Alberto Serpa só sente as coisas brandas—«Prazer de caminhar assim anónimo, sem rumo, sob a chuva miuda que põe reflexos na calçada...» —são as essencialidades da poesia de Serpa.

Se Alberto Serpa tivesse nascido num arranha-ceus de Nova-York talvez fosse tam-

bém assim, mas ele é que nos diz o contrário no seu «Pequeno dado biográfico» que o leva depois a afirmar:

«Eu sou para aqui um pobre poeta espontâneo e triste».

A pesar de viver fechado no reduto da sua provincia, no individualismo infantil da sua ciência subjectiva, perdido no seu vagabundear anónimo e sem rumo, amando a inutilidade da Vida, Alberto Serpa importa-se com a salvação do Mundo. A sua contribuição poética «Para a salvação do Mundo» é uma atitude mística, que aparece pela primeira vez abertamente na sua poesia essencialmente lírica. Apêlo místico, cristão e católico, mas que não deixa de ser um apêlo, um pedido de interferência para o nosso mundo, para a nossa hora de decadência, de contradições e de sofrimento. A sua voz expande-se assim: «Cálta os clarins, os motores dos aviões, as bocas cheias de palavras de ódio»; «Encaminha para os pobres o oiro destinado aos engenhos de guerra»; «Senhor, basta de dilatar impérios!...». Para Serpa a Salvação do Mundo está em Deus, mas ele como homem quere a Salvação do Mundo. Até os poetas líricos —Alberto Serpa é, talvez, o maior poeta lírico da Presença—querem a Salvação do Mundo e dizem «esteticamente» que a quere. Já era tempo de nos darem razão.

Os Desenhos de Júlio são admiráveis. Noutro país que não Portugal, Júlio seria já, hoje, um nome de primeira plana entre os maiores desenhilistas actuais. Aqui, neste país de génios, será, como já disse um escrivinhador de Lisboa, o Júlio das Faturas (com fatura precisava ele).

ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA

Eça de Queiroz e o Séc. XIX

— de Viana Moog

vro: «Sucede, todavia, que contra o nosso desejo de cuidar decididamente dos factos do presente e do novo mundo que se está plasmando, militam os espiritos do passado, como os fantasmas dos dramas ibsenianos. Vivem dentro de nós e nos tomam quasi todo o tempo a discutir connos-

co problemas que não nos deviam dizer mais respeito. Resistem sobranceiros a todas as investidas, como se os anos nada tivessem podido contra sua actualidade e sedução. Para nos libertarmos deles só há um caminho a seguir: esquecer-lhes a biografia.» Viana Moog dá-nos esta explicação. Mas a verdade é que ela nem ao de leve chega a vencer. Ao cabo tudo se resume no empenho, embora inconsciente por vezes, de tirar a prova real do valor da Psicologia como ciência interpretativa.

(Continua na página quinze)